



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS**



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM  
HISTÓRIA DA ÁFRICA, DA DIÁSPORA E DOS POVOS INDÍGENAS**

**ISAÍAS MENEZES PEREIRA**

**RELATÓRIO FINAL DE PRODUÇÃO DO PARADIDÁTICO**

**“AS CANÇÕES DE DAVID ZÉ NA LUTA ANTICOLONIAL EM ANGOLA  
(1967-1977)”**

**CACHOEIRA-BA**

**2017**

**ISAÍAS MENEZES PEREIRA**

**RELATÓRIO FINAL DE PRODUÇÃO DO PARADIDÁTICO**

**“AS CANÇÕES DE DAVID ZÉ NA LUTA ANTICOLONIAL EM ANGOLA  
(1967-1977)”**

Relatório técnico final apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História sob orientação do **Profº Dr. Osmundo Santos de Araújo Pinho.**

**CACHOEIRA-BA**

**2017**

Ficha Catalográfica: Biblioteca Universitária de Cachoeira - CAHL/UFRB

Pereira, Isaías Menezes

P436c As canções de David Zé na luta anticolonial em Angola. (1967-1977) / Isaías Menezes Pereira. – Cachoeira, 2017.

95 f.: il.; 30 cm + Guia + DVD.

Orientador: Prof. Dr. Osmundo Santos de Araújo Pinho.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras, 2017.

1. Independência – Angola. 2. Angola – Música. 3. Ferreira, David Gabriel José. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras. Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas. II. Título.

CDD: 327.8

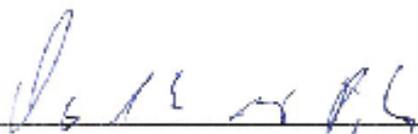
**ISAIAS MENEZES PEREIRA**

**RELATÓRIO FINAL DE PRODUÇÃO DO CATÁLOGO MUSICAL  
PARADIDÁTICO "AS CANÇÕES DE DAVID ZÉ NA LUTA ANTICOLONIAL EM  
ANGOLA (1967-1977)**

Relatório técnico aprovado pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em  
História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia.

Cachoeira, de de 2017

EXAMINADORES:



Prof. Dr. Osmundo Santos de Araújo Pinho (UFRB – Orientador)

---

Prof. Ms. Juvenal de Carvalho Conceição (UFRB – Examinador)



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Katharina Döring (UNEB – Examinadora)

CACHOEIRA - BA  
2017

## AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Jonas e a minha mãe, Jandira, pelos sacrifícios que fizeram para me apoiar nos estudos.

Ao meu irmão Henrique e a minha irmã Jamile, que renovam as minhas ideias constantemente. Principalmente a Jamile que teve um papel fundamental na diagramação e ilustração do paradidático.

A minha esposa Maíra, que me acompanhou do início da seleção do mestrado e que se casou comigo no decorrer desse processo, que me incentivou e me apoiou em todos os momentos.

A todos os meus amigos e amigas, familiares, colegas de profissão, professores e professoras, com destaque ao meu orientador Prof.º Dr.º Osmundo Pinho, ao meu professor Ms Juvenal de Carvalho e a Prof.ª Dr.ª Katharina Döring, que tantas vezes dedicaram o seu tempo, paciência e atenção a nossa pesquisa e compuseram a mesa de qualificação e defesa. Mas principalmente aos meus alunos e alunas, que me ensinam todos os dias a ser um professor e uma pessoa melhor.

A minha amiga e atriz Suelma Costa, que articulou a ida do nosso grupo teatral para apresentar “A Órfã do Rei” de José Mena Abrantes, em Angola, em 2012 e que depois incentivou a minha inscrição no programa de mestrado. Aos amigos angolanos Raul Rezende e Meirinho Mendes, artistas que conheci quando estive em Luanda, que me concederam entrevistas e pistas importantes sobre David Zé.

A antropóloga portuguesa, Prof.ª Dr.ª Margarida Paredes, que além de nos proporcionar uma fonte riquíssima com o seu livro, nos concedeu uma entrevista riquíssima e nos indicou livros e nomes de suma importância.

A Prof.ª Dr.ª Amanda Palomo Alves, historiadora que eu conheci nas redes sociais e gentilmente me enviou a sua tese de doutorado.

A transcrição e tradução dos trechos das músicas em quimbundo seria impossível sem a ajuda dos angolanos José João Armindo e do seu irmão Francisco Manuel Armindo mais conhecido por Fula, ambos pesquisadores da música angolana e do quimbundo. A

revisão da tradução ficou por conta da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Luzia Pires Lobo, que a todo instante se disponibilizou para tirar as minhas dúvidas. Não poderia deixar de agradecer também ao Prof. Dr. Camilo Afonso, diretor da Casa de Angola em Salvador, que me recebeu e orientou na bibliografia e a todos os angolanos que se dispuseram pessoalmente ou através da internet na colaboração para este catálogo.

Aos meus colegas do mestrado que me apoiaram e me deram diversas dicas bibliográficas. Especialmente ao meu amigo Girlandio Gomes, que tantas vezes dividiu os perigos da estrada entre Valença e Cachoeira, em diálogos enriquecedores e ao amigo José Carlos (Carlão), por me fazer entender que antes de qualquer teórico, foi a música que formou a nossa identidade, que nos ensinou o que é racismo, colonialismo, entre tantas outras lições.

A todas essas pessoas que fortaleceram essa jornada, o meu muito obrigado!

## **RESUMO**

Este relatório tem o objetivo de descrever o processo de idealização, pesquisa, fontes, leituras e escrita do paradidático “As canções de David Zé na luta anticolonial em Angola (1967-1977)”. Este catálogo musical tem como público alvo os alunos do 1º ao 3º ano do ensino médio, bem como todo o leitor interessado na história do presente, da música e da cultura angolana. O catálogo foi idealizado a partir dos depoimentos colhidos pelo autor na sua visita a Luanda em 2012. Através das letras das canções, das capas dos vinis, da harmonia, somadas as pesquisas acadêmicas, artigos jornalísticos que citam David Zé e outras entrevistas de contemporâneos, descrevemos uma biografia do cantor e guerrilheiro Angolano a partir de 1967, quando iniciou a carreira musical, até 1977, ano da sua morte. O relatório destaca as referências teóricas que guiaram a pesquisa, as dificuldades de acesso às fontes e descreve como este tema pode interessar a lei nº 11.645/08 que prevê a obrigatoriedade da história e da cultura afro-brasileira no currículo escolar e da lei nº 11.769/08, que torna obrigatória, mas não exclusiva, a utilização da música como ferramenta didática.

**Palavras-chave:** Independência de Angola; David Zé; Música; Colonialismo.

## **RESUMEN**

Este informe tiene como objetivo describir el proceso de ideación, la investigación, las fuentes, lecturas y escritura del paradiático "Las canciones de David Zé en la lucha anti-colonial en Angola (1967-1977)". Este catálogo de música se dirige a estudiantes de 1° a 3° año de secundaria, así como cualquier lector interesado en la historia de esto, la música y la cultura de Angola. El catálogo fue compilado a partir de los testimonios recogidos por el autor durante su visita a Luanda en 2012. A través de las letras de las canciones, las portadas de vinilos, armonía, junto investigación académica, artículos de prensa que citan David Zé y entrevistas de contemporáneas, describe biografía historiográfica de la cantante y de guerrillero desde 1967, cuando comenzó su carrera musical hasta 1977, año de su asesinato. El informe pone de relieve las referencias teóricas que guiaron la investigación, las dificultades de acceso a las fuentes y describe cómo este tema podría interesar a la Ley N ° 11.645 / 08, que establece la obligación de la historia y la cultura afro-brasileña en el plan de estudios de la escuela y la Ley N ° 11.769 / 08, que ordena el uso de la música como una herramienta de enseñanza.

**Palabras clave:** independência de Angola; David Ze; música; Colonialismo.

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	10
<b>1. “Ergamos as raízes”:</b> Música e oralidade como fontes históricas.....	13
<b>2. O catálogo musical paradidático “As canções de David Zé na luta anticolonial em Angola (1967-1977)”</b> .....	16
<b>3. “Quando as crianças de Angola tiverem escolas”. Porque David Zé?</b> .....	19
<b>Considerações iniciais</b> .....	20
<b>Anexos</b> .....	22
<b>Referências</b> .....	25

## **Apresentação**

Abordaremos neste relatório, o processo de criação do catálogo musical destinado ao ensino médio como paradidático. David Zé nasceu em 1944. Começou a fazer sucesso com a música no final da década de 60 e se tornou nacionalmente conhecido na década de 70. Militante do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) entrou para as forças armadas do mesmo partido, denominado Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA). Dentro desta instituição, havia um agrupamento militar dedicado à formação musical denominado Aliança FAPLA-POVO, o qual David Zé foi diretor. Pretendemos entender qual era o papel de David Zé e a sua atuação no processo de independência de Angola, entre os anos 1967 e 1977.

A interdisciplinaridade deste projeto é capaz de envolver alguns conteúdos da área de humanas. Além dos dois conteúdos obrigatórios por lei, mas nem sempre efetivados na prática na maioria das escolas – quais sejam, o Ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e indígena (Lei nº 11.645/08) e a Música como Conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, dos componentes curriculares de história, artes, sociologia, filosofia e geografia. (Lei nº 11.769/08) –, aspectos geográficos de Angola, as correntes e ideias filosóficas que influenciaram tanto os músicos, quanto os políticos que perderam a vida ou foram responsáveis pela morte de milhares de angolanos, questões de gênero, raça, classe, identidade e resistência, são temas que também poderão se beneficiar dos resultados desta pesquisa para abordar a independência e descolonização<sup>1</sup> em Angola pelo viés cultural, especificamente através das músicas de David Zé. A atividade no final do catálogo propõe a composição de uma paródia ou uma música. A composição de músicas ou paródias ajuda o estudante a dominar o conteúdo e organizar novas palavras e acontecimentos, por isso que acredito que essas duas leis podem ser mais eficientes juntas.

---

<sup>1</sup> Descolonização foi o processo de transição que conduziu ao fim do Império português em África. (PAREDES, 2013). Fim da colonização, dominação, controle territorial.

Em 2012, prestes a concluir o curso de Licenciatura Plena em História pela UNEB (Campus V), tive a oportunidade de participar como músico, do II Festival Internacional de Teatro em Luanda. Com um grupo de cinco artistas da cidade de Valença e outro grupo paulista, representando o Brasil em Luanda diante de Cabo Verde, Portugal, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Angola. Todos os países de língua e colonização portuguesa. Na época, graduando em história, pesquisava sobre Raul Seixas e a sua relação com a Ditadura Militar Brasileira entre 1964, início do golpe, a 1989, ano da morte de Raul. Não pude deixar de perguntar aos camaradas angolanos “Quem era o grande músico de Angola?”. Os três mais citados foram Artur Nunes, David Zé e Urbano de Castro. Mas David Zé era ressaltado com um entusiasmo mais contagiante, “O Guerrilheiro”, “O Bob Marley de Angola”, “Visionário libertador” continuam sendo comentários frequentes entre os entrevistados desta pesquisa.

Dedicar uma pesquisa sobre as reações políticas e musicais, a partir da trajetória e produção artística de David Zé, é reafirmar a Lei 11.645/08, incluindo o estudo da História e da Cultura afro-brasileira e indígena nas escolas Brasileiras e a possibilidade de ensinar uma história interdisciplinar, mais lúdica, livre dos dogmas tradicionais. Para esta última justificativa, podemos ainda ressaltar a inoperância da Lei nº 11.769/08, que prevê a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica e onde – no Art. 3º –, lê-se: Os sistemas de ensino terão 3 (três) anos letivos para se adaptarem às exigências estabelecidas nos arts. 1º e 2º desta Lei. As duas leis já completam nove anos e as mudanças ainda são quase invisíveis.

Angola foi escolhida como lugar de pesquisa pelo fato da nossa descendência, da nossa ancestralidade e das ligações culturais resultado do processo histórico da diáspora africana<sup>2</sup>. A troca de experiências no meio do teatro, da música e outras artes foram as causas que me fizeram escolher o recorte temporal e nosso objeto de pesquisa, David Zé. O músico e guerrilheiro gravou as suas primeiras músicas em 1967, em plena guerra anticolonial. No período da independência de Angola, o “Trio da Saudade”, como

---

<sup>2</sup> A Diáspora é a dispersão, migração de um povo em consequência de preconceito, perseguição política, religiosa ou étnica. A diáspora africana foi resultante do processo de colonização e escravidão europeia sobre os africanos para países da América Latina, Caribe, América do Norte e outras partes do mundo. O Antropólogo congolês radicado no Brasil, Kabengele Munanga (2012, p. 84-85) apresenta uma definição complementar ao tratar de diáspora: “Originalmente a palavra foi usada para designar o estabelecimento dos judeus fora de sua pátria, a qual se acham vinculados por fortes laços históricos culturais e religiosos. Por extensão, o conceito também é utilizado para designar os negros de origem africana deportados para outros continentes e seus descendentes (os filhos dos escravizados nas américas, etc.)”

lembram os entrevistados se referindo a David Zé, Artur Nunes e Urbano de Castro, eram os cantores mais populares de Angola! Pretendemos entender o papel destes músicos no MPLA e na independência de Angola.

Durante o percurso do Mestrado em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da UFRB, através das apresentações da minha pesquisa em seminários, simpósios, encontros, palestras, mas principalmente nos encontros e convivências em sala de aula, em diálogos com os professores, especificamente com o amigo e colega José Carlos, aprendi que “antes de lermos esses teóricos, Fanon, Hall, etc., foram as músicas do Ilê Aiê, do Olodum que formaram a minha identidade, que me fizeram entender o que era racismo, colonialismo e tudo isso.” Essas rodas de saberes foram fundamentais para a minha percepção de historiador, de cidadão, de ser humano.

Pretendemos com este catálogo paradidático, ampliar o debate das participações artísticas no processo da independência de Angola, fortalecendo as identidades e elevando a autoestima da população afro-brasileira que sofre as consequências diárias do racismo. Debater sobre colonialismo e descolonização, racismo, machismo, genocídio da população negra, se faz necessário e a prática pedagógica deve apontar estes novos caminhos: A música, a literatura, assim como as múltiplas possibilidades que a Nova História permite no campo artístico e lúdico. Apesar de estarmos em locais diferentes, a história de Angola está intimamente ligada ao Brasil, principalmente no que diz respeito às consequências do colonialismo.

A denominação dos capítulos deste relatório e do catálogo foi iniciada com trechos das músicas de David Zé que serão analisadas e que se relacionam com o objetivo proposto. No Capítulo 1 “’Ergamos as raízes’: Música e oralidade como fontes históricas’, abordamos a metodologia utilizada com as fontes escolhidas, especificamente sobre a utilização da música como ferramenta didática e como fonte histórica. A história oral<sup>3</sup> como instrumentos de preservação de identidades, transmissão de saberes e exercício do direito a memória

---

<sup>3</sup> Para Hampátê Bâ, O que se encontra por trás do testemunho, por tanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele fez parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra. (HAMPATE BÂ, p.168, 2010)

O Capítulo 2, intitulado “O catálogo musical paradigmático ‘As canções de David Zé na luta anticolonial em Angola (1967-1977)’” apresenta as facilidades, mas principalmente as dificuldades encontradas no processo de idealização e criação do catálogo. Destacamos neste capítulo os motivos nos levaram a determinação do espaço e do recorte temporal da pesquisa.

O terceiro capítulo expressa as razões de escolha do personagem David Zé. Acreditamos que, como orienta a micro história, a partir de um personagem, é possível desenvolver e problematizar a história macro do local e do tempo onde viveu o personagem. A saber, a história da independência de Angola.

### **1. “Ergamos as raízes”<sup>4</sup>: Música e oralidade como fontes históricas.**

O título deste capítulo é um trecho retirado da canção 1º de Agosto, onde David Zé conclama os negros, mulatos e brancos para se unirem e erguerem as raízes. A oralidade se fez presente na pesquisa através das entrevistas que fizemos, mas também por observarmos a técnica de resistência utilizada por David Zé e por outros contemporâneos, de cantar em quimbundo para driblar a censura colonial. Além disso, fazer com que a comunidade iletrada, que era a grande maioria da população angolana, tivesse acesso aquele discurso.

Penso que a música é uma excelente ferramenta para a sala de aula além de ser uma fonte historiográfica rica em símbolos. Não é preciso ser músico para trabalhar com ela, mas é preciso estar atento às reflexões que uma canção possibilita. Sobre a produção historiográfica contemporânea, Maria Izilda Santos de Matos ressalta, em seu artigo “História e música: reflexões, pesquisa e ensino”:

A produção musical se apresenta como um corpo documental particularmente instigante, já que por muito tempo constituiu um dos poucos documentos sobre certos setores relegados ao silêncio, centrando-se na expressão de sentimentos e abordando temáticas tão raras em outros documentos. Trata-se de uma documentação muito rica e pouco explorada pela análise histórica, como grande potencial para a revelação do cotidiano, das sensibilidades e das paixões, como algo que todos os dias penetra pelos ouvidos e está na boca de todos. (Matos,2003, p.58)

---

<sup>4</sup> ZÉ, DAVID. 1º de Agosto. 1974

Como estamos tratando de um estudo histórico das experiências de um músico, professor e guerrilheiro angolano, esta temática interessa ao ramo da História Cultural e da Nova História<sup>5</sup> proposta por Peter Burke.

Quer gostem, quer não, os historiadores estão tendo de se preocupar com questões que por muito tempo interessaram a sociólogos e a outros cientistas sociais. (Burke, 1992, p. 31)

Através da música, podemos identificar as influências ideológicas, representações do cotidiano, símbolos sonoros e instrumentais, símbolos visuais através das fotos das capas e contracapas dos álbuns.

Nossas principais fontes serão as músicas de David Zé. As músicas como fonte trazem uma gama de possibilidades de observação, as letras de David Zé relatam o cotidiano do povo angolano e os ideais dos dirigentes do MPLA, o sofrimento causado pelo colonialismo, um discurso extremamente anti-imperialista. As capas dos discos de vinil também são cheias de símbolos: Fotografias, gestos, os grupos que acompanharam. Sobre esta questão, podemos citar ainda a escolha ou exclusão dos símbolos. Procuramos entender as mudanças de discurso nas músicas de David Zé antes e depois da independência. Percebemos que as músicas pré-independência eram mais românticas, pacíficas e menos agressivas. Após 1975 as músicas tomam um mais violento, anti-imperialista e pregando a união dos povos angolanos.

A primeira fonte escrita que encontramos foi encontrada no Jornal de Angola. O Jornal de Angola é refundado com este nome em 1975 e hoje é dirigido por José Ribeiro e Victor de Carvalho. O Jornal escreve sobre política interna e externa, desporto, e um dos escritores da coluna sobre cultura é Jomo Fortunato, historiador da música popular de Angola.

O Jornal de Angola, bem como todos os outros meios de comunicação, tem uma tendência de apoio ao governo. Segundo os nossos entrevistados, toda a comunicação em Angola é vigiada pela Polícia Política, havendo assim, pouco espaço para a liberdade de expressão. Apesar de ser um tema delicado, a matéria cita a morte de

---

<sup>5</sup> A Nova História colaborou para a ampliação do conceito de fontes, objetos e métodos de investigação. Ao considerar escritos de todos os tipos como fontes: canções, cartas, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, fotografias, filmes, receitas culinárias, entre outros, expandiu as possibilidades de pesquisa, rompendo as barreiras que tornavam frágeis as explicações históricas (ALVES, 2015, p.18).

David Zé, mas não cita as causas nem dá muitos detalhes sobre o episódio 27 de Maio. A matéria na íntegra está disponível nos anexos.

É a partir desta matéria que iniciamos a problemática sobre a importância de David Zé no processo de descolonização, de luta pela independência. O fato de ele ser guerrilheiro e músico marca duplamente o símbolo de herói, já que o grande número de angolanos que não dominavam a escrita e as possibilidades de resistência que ela permite, como a literatura ou a poesia. A música se torna uma alternativa de propagar as ideologias partidárias, além do cotidiano angolano, seja em português, seja na língua materna, o quimbundo.

A princípio, uma das dificuldades que tive foi referente à tradução dos trechos em quimbundo. Encontrei referências de trinta e sete músicas gravadas e a maior parte delas compostas por David Zé. Seleccionamos as seis músicas cantadas em português com alguns trechos em quimbundo por entender que com elas, o diálogo seria maior entre os alunos do ensino médio. Em algumas aulas pude apresentar a minha pesquisa em andamento e quando eles ouviram as músicas, se impressionaram porque não sabiam que em Angola se falava português. Desta forma começávamos a quebrar os primeiros paradigmas sobre Angola e sobre outros países da África.

A segunda dificuldade que tivemos foi o acesso a mais fontes: Jornais, fotografias, mais depoimentos de pessoas que conheceram David Zé. Essa lacuna só poderia ser preenchida com a minha volta em Angola. Pelos problemas atuais que o país vive e pela falta de interesse do governo de falar sobre o 27 de maio, essa pesquisa ficará completa em outro momento mais oportuno da minha carreira acadêmica.

Um dos nossos entrevistados tentou um apoio com a fundação Sindika Dokolo, porém, ao lerem o nosso projeto, responderam aconselhando o seguinte:

tens que melhorar em alguns aspectos, por exemplo: seria prudente melhorar e assumir um lado mais artístico dos intervenientes da história (David Zé)...Que não seja tão político, expressa o lado mais artístico dos personagens, a forma como tocam a guitarra, encontrar paralelismos com os grandes guitarristas da história... Enfim.... (Mensagem encaminhada no dia 15-12-2015)

Percebendo que não teria o apoio necessário e que Angola ainda vivia um momento delicado, desisti de retornar em Luanda e fazer a pesquisa através de uma rede de angolanos no Brasil, em Angola, e em outros países, pondo em prática as técnicas de

história oral. Desta forma pude fazer um modesto levantamento da atuação de David Zé, sabendo que ainda existe muito a ser escrito sobre ele e sobre tantos outros artistas, guerrilheiros(as) e ativistas de Angola.

## **2. O catálogo musical paradidático “As canções de David Zé na luta anticolonial em Angola (1967-1977)”**

Decidir o formato final deste produto não foi uma tarefa simples. O ineditismo do tema como um material didático me deixou confuso diante de tantas possibilidades de produtos. A primeira ideia foi a de um livro. Porém, um livro teria um público mais limitado do que um paradidático. Ao associar o período histórico em que David Zé viveu, direcionei o público alvo do ensino médio, quando normalmente são discutidos os conceitos de colonização, globalização, imperialismo, entre outras palavras-chave. A escolha do formato “catálogo musical” foi sugerido nas rodas de conversa com meus colegas e professores nas disciplinas do programa. Em alguns momentos pensei em produzir um documentário, mas desisti porque exigiria um tempo muito maior do que os dois anos e algumas viagens para Angola. Em outro momento de dúvida, pensei que poderia produzir uma vídeo-aula, já que paralelo a educação, eu também faço trabalhos ligados a fotografia e vídeo. Mas como eu já tinha muita coisa escrita e pra não sair da proposta inicial do projeto de pesquisa, concordei em produzir o catálogo, o que não me impede de futuramente produzir tanto o documentário quanto a vídeo-aula.

O recorte temporal da pesquisa foi delimitado pelos dez últimos anos da vida de David Zé. Em 1967 ele conheceu Urbano de Castro e iniciou a carreira artística. O espaço, Angola, reforçou a nossa escolha pela ligação histórica com o Brasil e pelo fato dos dois países terem sido colônias portuguesas.

Angola foi um dos últimos países africanos a proclamar a independência. Contados a partir da chegada dos portugueses ao Reino do Congo, em 1482, somamos 493 anos de dominação colonial portuguesa. Veremos que o atual território angolano foi delimitado

depois da Conferência de Berlim, com o acordo anglo-lusitano de 1891. (Conceição, 2009).

Amanda Palomo Alves destaca que a identidade de resistência proposta por Manuel Castells, é a mais adequada ao contexto angolano (Alves, 2015 p.95). A identidade de resistência é produzida por atores sociais que se encontram em posições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação. Seus elementos produzem formas de resistência e sobrevivência baseadas em princípios diferentes àqueles que orientam as instituições da sociedade (Castells, 2000, p.25). O nosso ator social é David Zé e a sua forma de resistência e sobrevivência está relacionada a sua dupla função de músico e guerrilheiro. As suas canções falam sobre cultura tradicional, resistência, luta anticolonial e a construção de um novo nacionalismo proposto pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Para entendermos

A luta Armada contra a ocupação colonial em Angola teve o seu início em 1961 e foi dirigida por duas formações político-militares antagônicas. Uma delas era a UPA, União das Populações de Angola (em 1962 muda de nome para FNLA, Frente Nacional de Libertação de Angola, situada no Norte do país, o que reduziu a sua área de circulação no território e limitou a sua base de apoio à elite e camponeses da etnia bakongo. No auge da Guerra Fria, com o mundo dividido em dois blocos antagônicos, o capitalista e o socialista, a UPA contava com o apoio dos EUA e da República do Congo (mais tarde RDC, República Democrática do Congo), o que, como nos diz Bittencourt (1999), lhes fornecia uma base segura para a preparação dos seus guerrilheiros e privilegiada no que diz respeito a localização para implantar as ações militares contra o exército português. A outra formação era o MPLA, Movimento Popular de Libertação de Angola, um movimento que nasceu na elite africana das cidades, influenciado por uma ideologia socializante e que do ponto de vista étnico e racial era heterogêneo. Apoiado pela URSS, o MPLA enfrentou grandes dificuldades para implementar a guerrilha em Angola devido ao antagonismo da UPA/FNLA e das autoridades congolenses, que lhe barrava o acesso às fronteiras. [...]A UNITA União Nacional para a Independência Total de Angola, criada em 1966 de uma cisão na FNLA. Apoiados pela população do Centro e Sul de Angola, tidos como aliados a China, os EUA e a República da África do Sul. (Paredes, 2015, p.56)

Veremos que David Zé tinha um papel essencial no seio do MPLA, como diretor da Aliança FAPLA-Povo, um agrupamento musical das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola. Muitas das suas músicas foram produzidas para o MPLA e gravadas pelo MPLA com o objetivo de “conscientizar” a população a aderir e apoiar a luta pela independência ao lado do partido. A música e o rádio tiveram esse papel de porta voz dos movimentos.

Veremos também o papel fundamental da luta anticolonial como causa importante da queda da ditadura salazarista, enfraquecida com os gastos na colônia, a Revolução dos Cravos, em Portugal, enfraquece a luta colonial e dá início aos diálogos para a independência de Angola e outros países africanos colonizados pelos portugueses a exemplo de Moçambique e Cabo Verde (1975).

O MPLA teve o apoio tanto da URSS quanto de Cuba, países que representam o bloco socialista. A FNLA e a UNITA foram apoiados pelos EUA e outros países capitalistas. Paredes fala sobre a internacionalização da guerra na batalha de Kifangondo:

Na véspera da proclamação da independência, a localidade de Kifangondo foi palco de um conflito internacional com uma concentração de forças e equipamentos militares que só a batalha de Couíto Cuanavale ultrapassará anos mais tarde. A concentração de forças militares destinava-se a evitar que o MPLA proclamasse a independência em Luanda na data acordada, 11 de novembro de 1975. Batalhões de infantaria do Exército Zaireense, batalhões semirregulares do ELNA/FNLA, o ELP, Exército de Libertação Português, batalhões do exército sul-africano e mercenários lutaram contra as FAPLA, que eram apoiadas pelo exército Cubano. Com esta batalha o conflito em Angola internacionalizou-se no próprio terreno da guerra. (Paredes, 2015, p.314-315)

Para o historiador Juvenal de Carvalho Conceição, a independência de Angola não deve ser entendida como uma concessão ou como mero reflexo da **Revolução dos Cravos**<sup>6</sup> (Conceição, 2009). Foi resultado de uma intensa guerra anticolonial, também chamada de luta de libertação. Conceição destaca as fases da guerra colonial, a independência e as lutas posteriores:

Durante os anos 1960 e 1970, a libertação dos povos africanos do jugo colonial foi caracterizada pela luta armada contra colonizadores que tentaram resistir a todo custo a qualquer mudança. Neste caso é que enquadramos as colônias portuguesas. Dentre elas, Angola viveria a situação mais dramática. Sua extensão territorial e suas riquezas naturais transformaram este país em um ponto cobiçado e disputado. Sua independência implicou numa longa luta armada contra Portugal, que durou de 1961 até 1974. Daí até 21 de outubro de 1975, Angola viveu uma guerra civil envolvendo a FNLA, a UNITA e o MPLA. A invasão do país por tropas estrangeiras durou até fevereiro de 1976. (Conceição, 2009, p. 33-34)

---

<sup>6</sup> A Revolução dos Cravos foi movimento militar, que derrubou o regime salazarista em Portugal. Revoltados com os altos investimentos do PIB investidos na guerra colonial contra Angola e outras colônias na África, os soldados depuseram Marcelo Caetano, que deu continuidade a ditadura de António de Oliveira Salazar, iniciada em 1932. A senha para o início do movimento dos soldados foi dada a meia noite pela emissora de Rádio com a música proibida pela censura “Grândula Vila Morena”, de Zeca Afonso. A denominação se deu pelo fato dos soldados terem sido presenteados com flores de cravo. Os soldados saíram às ruas com cravos dentro dos canos das suas armas. Chico Buarque de Holanda, em plena ditadura militar no Brasil, compôs a canção “Tanto Mar” homenageando a Revolução dos Cravos.

Mais a frente o historiador destaca as fases da guerra colonial, a independência e as lutas posteriores:

Durante os anos 1960 e 1970, a libertação dos povos africanos do jugo colonial foi caracterizada pela luta armada contra colonizadores que tentaram resistir a todo custo a qualquer mudança. Neste caso é que enquadrámos as colónias portuguesas. Dentre elas, Angola viveria a situação mais dramática. Sua extensão territorial e suas riquezas naturais transformaram este país em um ponto cobiçado e disputado. Sua independência implicou numa longa luta armada contra Portugal, que durou de 1961 até 1974. Daí até 21 de outubro de 1975, Angola viveu uma guerra civil envolvendo a FNLA, a UNITA e o MPLA. (Conceição, 2009, p. 33-34)

Dois acordos foram fundamentais para definir a independência de Angola. O primeiro aconteceu Mombasa, no Quênia, em 5 de janeiro de 1975 os três movimentos de libertação concordaram em negociar juntos com Portugal os detalhes da independência. Este encontro ficou conhecido como Acordo de Mombasa. Esta negociação aconteceu logo em seguida em 15 de janeiro no Alvor, em Algarve, Portugal. No Acordo de Alvor foram decididos os protocolos para a transição do poder português para os três movimentos de libertação, para que o MPLA, a FNLA e a UNITA governassem juntos, o que não aconteceu.

Esta Guerra Civil com afeição de Guerra Fria só teve fim com a morte em combate de Jonas Savimbi, líder da UNITA, em março de 2002, o que levou a assinatura do último acordo de paz.

### **3. “Quando as crianças de Angola tiverem escolas”. Porque David Zé?**

Acredito que a importância desta produção está na inexistência de materiais didáticos que tratem sobre a história recente de Angola, país de forte influência na cultura brasileira; bem como na ausência de paradidáticos que problematizem a música.

Como podemos conferir no catálogo, os depoimentos, as entrevistas sobre David Zé são carregados de sentimentos e de admiração, alguns beirando o fanatismo. O catálogo também indica outros artistas contemporâneos a David Zé. O que o diferencia dos demais é que além de músico, ele era guerrilheiro e militante. Urbano de Castro e Artur Nunes também eram músicos e militares, porém decidi focar em David Zé por conhecer os perigos da abrangência temática e por perceber que os fãs sempre o destacavam pela sua sensibilidade ao cotidiano de Angola.

Na canção “As cinco sociedades”, de onde retiramos o trecho que denomina este capítulo, David Zé convida o povo angolano a dizer não ao neocolonialismo, ou seja, a nova colonização promovida pelos Estados Unidos e outros países europeus que financiaram os partidos rivais ao MPLA. Percebemos uma apelação ideológica ao MPLA, um forte sentimento nacionalista e uma evidente insatisfação com a situação social dos angolanos.

As manifestações populares, as gírias, os costumes, a tradição do povo angolano eram temas muito presentes nas canções de David Zé.

É interessante observar que a língua materna nos países que passaram pelo processo colonial foram ocultadas, silenciadas ou ainda criminalizadas. Sabemos que os africanos que vieram ao Brasil pelo processo da diáspora para serem escravizados eram proibidos de utilizar as suas línguas maternas. Muitas dessas línguas resistiram através dos quilombos e das religiões de matrizes africanas.

Percebemos então que a partir do personagem David Zé, temos um leque de temas que perpassa entre o neo-colonialismo ou imperialismo, o Tratado de Berlim, o racismo, a guerra fria, a luta armada, a independência e a guerra civil de Angola.

Finalmente, David Zé foi escolhido pelo teor contestatório das suas canções que denunciavam as mazelas, conseqüentes do colonialismo português, em Angola: A fome, o racismo, a segregação social e racial, fazem parte do discurso de resistência nas letras das suas canções.

### **Considerações iniciais**

Acredito que ao invés de conclusões finais, as considerações iniciais sejam mais adequadas a essa pesquisa pelo fato de entender que este foi um primeiro passo de uma longa caminhada. As entrevistas e a colaboração de amigos(as), pesquisadoras e pesquisadores, fãs do Brasil, de Angola, de Portugal e de outros lugares foi fundamental para o levantamento das afirmações expressas aqui.

Não se sabe ao certo quando, onde e como David Zé e tantos outros nitistas foram mortos. Como vimos nos depoimentos de Meirinho Mendes, de Margarida Paredes e no livro de Marisa Mormon, acredito que algumas das causas estão relacionadas à

popularidade destes artistas, bem como a sua postura política, dentro do seu próprio partido, apoiando o opositor de Agostinho Neto, Nito Alves.

Apesar do trágico fim, “As canções de David Zé na luta anti-colonial. 1967-1977)” nos leva a conhecer episódios inéditos na sala de aula e provoca um leque de temas relacionados a história do Brasil, do mundo e da história local, já que o quimbundo está tão presente no português que falamos diariamente.

Percebemos que as canções de David Zé ajudaram na reprodução do discurso do MPLA, contra o imperialismo ou neo-colonialismo, contra o racismo, a favor da igualdade de direitos e do socialismo com uma tendência ideológica do marxismo difundida por Agostinho Neto e do maoísmo, proposta por Nito Alves. Concluimos também que tanto no final do período colonial, quando após a independência, o Estado angolano financiou a produção de vários discos de agrupamentos musicais, a exemplo do grupo Kissenguela e do Aliança FAPLA-POVO, David Zé chegou a ser diretor artístico do Aliança FAPLA-POVO.

O catálogo musical paradigmático nos aponta como se iniciou e se concretizou a luta armada e a independência em Angola. As lutas de resistência contra a opressão colonialista em Angola podem facilmente serem relacionadas às outras lutas de libertação afro-asiáticas. É necessário reforçar a produção de materiais didáticos desta envergadura para fortalecer as duas leis e evitar que a memória e a identidade afro-brasileira sejam postas a margem do currículo escolar.

## ANEXOS

Músico David Zé a lenda da canção

**Jomo Fortunato**

3 de Janeiro, 2011



Fotografia: DR

A relativa estabilidade das comunidades rurais, no período da colonização portuguesa, condicionou o surgimento de várias gerações de jovens que absorveram, com plena consciência e orgulho, os valores culturais intrínsecos à esfera tradicional da angolidade, consubstanciados, fundamentalmente, no uso, sem preconceitos, da magnitude comunicativa e poética das línguas nacionais e sua reutilização nos textos da música popular.

Sabe-se que o início da formação da Música Popular Angolana está directamente relacionado com as dinâmicas culturais do espaço rural, e acusa, na estrutura textual de muitas canções, uma influência, substancial, dos valores culturais endógenos, representando, os seus cultores, um segmento artístico próximo das origens, e dos pressupostos identitários da cultura angolana. O êxito da luta de libertação nacional, pela conquista da independência de Angola, e a consequente entrada, triunfal, dos guerrilheiros do MPLA nas cidades, atraiu, de forma fervorosa, os jovens artistas ao movimento revolucionário, muitos dos quais vinham sofrendo, de forma directa, os efeitos discriminatórios da colonização portuguesa. A emoção causada pela liberdade, constituiu o foco irradiador de um prolífero processo de criação artística, que marcou a geração da independência, e a música acabou por constituir o veículo que elevou, de forma mobilizadora, os nobres ideais de progresso e de emancipação política. Foi uma época romântica, a do conjunto "FAPLA-POVO", formação musical da qual

David Zé foi director, numa altura em que a farda militar representava, pelo impacto do seu simbolismo, o perfil do cidadão, politicamente engajado. Artur Nunes, Urbano de Castro e David Zé, um trio que, normalmente, surge associado, fazem parte destes cultores da angolanidade, pelo conjunto da obra e importância artística que representam na história da Música Popular Angolana, acabando por constituir, tal como os conjuntos Nzagi, Kissanguela e Angolenses, a vanguarda da canção de intervenção política, depois do processo de descolonização, em 1975.

### **As origens do artista**

David Gabriel José Ferreira, filho de Gabriel José Ferreira, falecido em 1965, e de Carolina José Afonso, ainda viva, nasceu no dia 23 de Agosto de 1944, em Kifangondo, e frequentou. Os pais pertenceram ao coro da Igreja Metodista, facto que motivou o gosto de David Zé pela música, uma predilecção que o levou a atingir, de forma inequívoca, a consagração na história da Música Popular Angolana. Com a morte da primeira mulher, Angélica, a quem o cantor dedica uma canção de amor, homónima, David Zé deixa a profissão de fundidor, ofício a que se dedicou no "Guimarães", uma conhecida fundição do Bairro Hoji yá Henda. Casou-se, pela segunda vez, com Maria da Piedade, em 1972, mulher com quem teve dois filhos, e depois com Maria da Trindade, em Novembro de 1976, em S. Tomé e Príncipe, numa altura em que cumpria, neste país, uma missão militar, integrado nas FAPLA. (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola). David Zé morreu, com apenas 33 anos, na sequência das trágicas ocorrências do dia 27 de Maio de 1977, deixando quatro órfãos, Miguel Gabriel Ferreira (Michel), Maria Carolina David Ferreira (Calita), Deolinda David Gabriel Ferreira e David Gabriel José Ferreira (Chuva).

### **Primórdios da carreira**

Em 1966, David Zé conhece o cantor Urbano de Castro, um dos seus inseparáveis companheiros, facto que o influencia a optar por uma carreira musical, sendo voz corrente, com diminuta margem de erro, que Urbano de Castro descobriu o talento e o lirismo da voz de David Zé, introduzindo-o, acto contínuo, primeiro nos circuitos dos "Kutonocas", e, mais tarde, no ambiente das gravações e da edição discográfica. É assim que David Zé grava o seu primeiro single, "Kadika Zeca" (1970), com a etiqueta "Rebita", acompanhado pelo conjunto "Jovens do Prenda", uma canção com arranjo de um notável solo de Zé Keno, em que o autor aconselha o seu filho a seguir os melhores caminhos da vida.

### **As canções que marcam**

Tal como a grande maioria dos cantores e compositores angolanos, sobretudo os que fizeram carreira no período colonial, David Zé abordou, nas suas canções, factos e ocorrências vividas, transportando para a música, de forma directa, a conflitualidade social, consubstanciados na moral e no respeito pelos bons costumes, "Mona Kudijimbe Manhenu" é um dos exemplos, a vivência nos musseques, as vicissitudes do amor e, na última fase da sua carreira, a focalização artística nos meandros da política. Embora não tenha atingido um elevado grau de escolaridade, David Zé revelou, de igual modo, ser um artista preocupado com as grandes questões sociais da sua época, sobretudo na fase final da sua carreira, facto que se depreende pela análise do conteúdo

das suas canções de pendor político. Em "Kibela", um bela canção sobre o dealbar da independência, David Zé narra os efeitos da liberdade e a sua importância enquanto factor de construção do novo homem angolano. "Guerrilheiro", outra canção de cunho político, é um tema sobre as vicissitudes por que passou o soldado na mata, valendo o sacrifício pela condição do homem livre.

Na sequência do sucesso alcançado com a canção "Quem matou Amílcar Cabral", David Zé esteve presente nos festejos da independência de Moçambique, S. Tomé e Guiné-Bissau.

Eivado de um espírito interventivo, grava "As cinco sociedades", uma canção do LP "Mutudi uá ufolo", que traduz a dimensão intelectual de David Zé, numa abordagem de inspiração marxista, da evolução da sociedade humana, desde o comunismo primitivo até ao advento do monopólio capitalista. "Sofredora", um sucesso dos anos 70, é uma canção que narra o sofrimento por um amor impossível, revelando o lado passional e romântico de David Zé, da qual transcrevemos o texto integral: "Não chores mais minha amiga/ mesmo que ele não te ama/ procure mostrar que és a primeira/ a vencer os momentos de amargura/ sê forte e corajosa / vence com alegria ou amargura /pois tu vês que és bonita demais/ e todo homem olha em ti/ um dia acabará sua tristeza/ sairás triunfante de toda a dor/ e verás que os piores caminhos/ são vencidos com amor/ quero ver você sorrindo/ passear por aí/ para mostrar ao mundo inteiro/ que terminou a sua solidão"...

### **Discografia**

É possível desdobrar a produção discográfica de David Zé, em dois períodos distintos: de 1967 a 1974, a primeira fase da carreira do compositor, David Zé grava, com os Águias Reais, os singles "Candinha", "Fuma", "Jingondo", "Kuala Kituxe", "Namorada do conjunto", "Maria rasgadora", "Merengue Santo António", "Rumba zá tukine", "Malalanza", "Kalumba yó", "Uma amiga", "Toloya vizinho", e "Monami Vunge". Ainda no mesmo período grava, desta vez com o conjunto "Jovens do Prenda", as canções: "Kadika Zeca", "Rosita", uma canção que lembra a influência rock dos anos sessenta, "Sofredora", "Kalunga nguma", "Lamento de Angélica", "Dilangue", e Lamento de Paiva.

De 1974 a 1977, o último período, considerada a fase áurea de criações musicais, marcadamente influenciada pelo contexto político, David Zé opta pelo acompanhamento do conjunto os "Merengues", de Carlitos Vieira Dias, e grava as canções "1º de Agosto", "As cinco sociedades", "Catete Ngila", "Kibela", "Mamã Kudile", "Mona Kujimbe Manhenu", "O guerrilheiro", "Kamba diami", "Quem matou Amílcar Cabral", "Ngongo muá Ngila", "A luta continua", "Udengue uami", um clássico em que o autor recorda a sua infância, "Nguma" e "Tambi muangola". O duplo CD, "Memórias de David Zé" (Coleção Poeira no Quintal, 2004), com um alinhamento de 37 canções, editado pela Rádio Nacional de Angola, regista parte substancial da obra do cantor, reunindo um conjunto de 14 singles, a maior parte dos quais gravados na época colonial, incluindo o LP "Mutudi uá ufolo" (viúva da liberdade, CDA- 1975), uma referência discográfica, incontornável, da carreira do cantor.

### **A homenagem**

Numa atmosfera marcadamente nostálgica, David Zé foi homenageado pela importância histórica e artística do conjunto da sua obra, no dia 25 de Abril de 2004. A sessão foi realizada no Centro Cultural e Recreativo Kilamba, em Luanda, no âmbito da 24ª edição do programa Caldo do Poeira, da Rádio Nacional de Angola (RNA). Na homenagem estiveram presentes as viúvas, Maria da Trindade e Maria da Piedade,

familiares, amigos e os cantores: Nelo Bastos, Toy Cazevo, Dino Kapakupaku, seu inseparável companheiro, Pakito, Gaby Moy e Dilangue, os dois últimos irmãos de David Zé, que interpretaram as canções: "Merengue Santo António", "Namorada do Conjunto", "Kalumba yó", "Lamento de Paiva", "Kadika Zeca", recordando os momentos mais marcantes da carreira do cantor.

## FONTES

### Discografia:

- Sofredora. David Zé. **Kadi Ka Zeca**. Rebita. Vinil 7", 1973
- Uma Amiga. David Zé. Single **Kuâla Kituchi**. Rebita. Angola, 1973. Vinil 7", Lado B
- *Mwangolé* (O Guerrilheiro). David Zé. **Guerrilheiro**. Acompanhamento Conjunto Merengue. Movimento MRA. Angola. Vinil 7", Angola. 1975
- A luta continua. David Zé. Album. **Mutudi ua ufolo. Viúva da liberdade**. CDA. 1975. Vinil LP. Faixa 2. Lado A
- As Cinco Sociedades. David Zé. Album. **Mutudi ua ufolo. Viúva da liberdade**. CDA. 1975. Vinil LP. Faixa 2. Lado B
- 1º de Agosto. David Zé. **1º de Agosto**. Movimento MR. Vinil 7", 45 RPM. 1976. Lado B
- Quem Matou Cabral. David Zé. **1º de Agosto**. Movimento MR. Vinil 7", 45 RPM. 1976. Lado B)

### Entrevistas:

Meirinho Mendes. Em 1º de Janeiro de 2015, no Rio de Janeiro. Ator e produtor.

Margarida Paredes. 20 de fevereiro de 2016, em Salvador. Antropóloga e ex-combatente da década de 70, em Angola.

### Depoimentos:

Raul Jorge de Rezende Rosário. 5 de maio de 2013. Ator, músico e combatente na guerra civil.

Genivaldo Panzo. 31 de Janeiro de 2017. Estudante angolano na cidade de Miami-EUA.

## Referências:

ABRANTES, José Mena (Org.) **Angola em Paz: novos desafios**. Luanda: Edições Maianga, 2009.

ALVES, Amanda Palomo. **Angola: Musicalidade, política e anticolonialismo (1950-1980)**. Revista Tempo e Argumento. UDESC Vol. 05. N.10, 2013

ALVES, Amanda Palomo. **Angolano Segue em Frente: um panorama do cenário musical urbano de Angola entre as décadas de 1940 e 1970**. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2015.

BURKE, Peter. **A Escrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, texto e história**. Para ler história oral. São Paulo: Loyola, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CONCEIÇÃO, Juvenal de Carvalho. **Revista Veja: Um Olhar Sobre a Independência de Angola**.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FANON, Frantz. **Peles Negras Mascaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

KUCHICK; Matheus B., Kotas, Mamás, mais velhos do semba: A música angolana nas ondas sonoras do Atlântico Negro. Tese de Doutorado. Campinas, 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª. Ed. São Paulo: DP&A, 2006.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. **Tradição viva**. In: História geral da África I. ZERBO, J.K (org.). Brasília: MEC/Unesco, 2010.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na Sala de Aula: visita à história Contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **História e música: reflexões, pesquisa e ensino**. São Paulo, 2001.

MATTOS, Hebe; ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Viana; MORAES. **Personagens negros e livros**. didáticos: Reflexões sobre a ação política dos afrodescendentes e as representações da cultura brasileira. Niterói, 2010

MENEZES, Solival. **Mamma Angola: sociedade e economia de um país nascente**.

São Paulo: FAPESP, 2000.

- MOORMAN, Marissa J. **Intonations**: a social history of music and nation in Luanda, Angola, from 1945 to recent times. Athens: Ohio University Press, 2008.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: Usos e sentidos. (Coleção Cultura Negra e Identidades) 3. Ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- PARANHOS, Adalberto. **Sons de sins e não**s: a linguagem musical e a produção de sentidos. Projeto História, São Paulo: EDUC/FAPESP/FINEP, n. 20, p. 221-226, 2000.
- PAREDES, Margarida. **Combater Duas Vezes**: Mulheres na Luta Armada em Angola. Vila do Conde. Verso e História, 2015.
- PEPETELA. **Breve resenha do crescimento de Luanda**. Estudos Afro-Asiáticos, nº32, 1997.
- PINHO, Osmundo Santos de Araújo. **O Mundo Negro**: Hermenêutica Crítica da Reafricanização em Salvador. Curitiba: Ed Progressiva, 2010.
- THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado**. **História Oral**. Paz e Terra. 1992.

